

5 mitos sobre o ensino remoto na crise dos Covid-19

Por: Lee Skallerup Bessette, Nancy Chick e Jennifer C. Friberg 1 de maio de 2020

<https://www.chronicle.com/article/On-Not-Drawing-Conclusions/>

Nós sabíamos que isso iria acontecer. Há apenas seis semanas (embora pareçam longas), preocupávamos que a mudança de emergência da academia para instruções remotas resultasse em muitas pessoas tentando usar essa crise para chegar a conclusões sobre o valor do ensino on-line.

E, como um relógio, vimos ensaios equivocados argumentando que o aprendizado on-line é semelhante ao ensino via TV na década de 1960 e produz cursos de qualidade inferior com expectativas reduzidas dos alunos.

O enquadramento e as conclusões de tais críticas são desinformados e reforçam mitos perniciosos sobre a educação on-line. Eles também deturpam o que aconteceu no ensino universitário, geralmente na sequência do Covid-19. O que se perde na corrida ao julgamento é uma nuance.

Corona vírus Chega ao Campus

Enquanto faculdades e universidades lutam para elaborar políticas para responder à situação em rápida evolução, aqui estão os links para a cobertura chave do *The Chronicle* de como essa crise mundial da saúde está afetando os campus.

Como todo mundo, os acadêmicos ficaram impressionados com as transições que estamos fazendo no trabalho e em casa. Alguns professores lidaram melhor com o "pivô online" de emergência do que outros. A maioria deu tudo de si. Nosso argumento a seguir não é descartar as preocupações e críticas, mas colocá-las em contexto e combater o que consideramos os cinco mitos mais prejudiciais e injustos sobre essa mudança para o ensino remoto.

Mito 1: As aulas presenciais de repente se tornaram cursos on-line. De fato, eles não fizeram. O que aconteceu com o ensino nesta primavera foi uma mudança temporária de emergência. Não era nada típico da educação on-line.

Geralmente, leva pelo menos seis meses e, às vezes, um ano para projetar, desenvolver e construir um curso on-line. Nesse processo, os membros do corpo docente trabalham com designers instrucionais, tecnólogos e outros na entrega de conteúdo, design de atribuição e avaliação. É sobre qualidade, não velocidade.

Devido à rapidez com que o Covid-19 chegou, simplesmente não tivemos tempo para o design cuidadoso e a preparação de cursos on-line típicos. A maioria das instituições mudou para o ensino à distância ou o ensino a distância da maneira mais simples e acessível possível - por meio de ferramentas técnicas básicas em sistemas de gerenciamento de aprendizagem, plataformas de conferência na Web, e-mail e telefone.

A academia estava - e ainda está - em um período de "triagem pedagógica", como escrevemos em março em uma análise da mudança do ensino superior para o ensino remoto. Mas a triagem nunca foi a missão ou o objetivo do ensino on-line. Precisa ser mais do que isso.

Mito 2: Os campi não estavam preparados para essa transição sem precedentes. A escala e velocidade dele? Absolutamente. Ninguém poderia prever um esvaziamento nacional das salas de aula do campus.

Mas a verdadeira revelação aqui são as maneiras notáveis pelas quais muitas instituições mobilizaram a experiência em centros de ensino do campus, bibliotecas, departamentos de TI e escritórios de design instrucional para ajudar os professores a se familiarizarem com ferramentas e ambientes virtuais de ensino muito, muito rapidamente. As coisas que esses especialistas vêm fazendo todos os dias nesta crise são as mesmas que fazem há anos, mas com maior visibilidade agora.

O nível de preparação para essa mudança de emergência variou de campus para campus. Algumas instituições públicas (com anos de cortes nas dotações estatais) e algumas faculdades particulares (com recursos financeiros limitados) estão funcionando com o apoio administrativo, de infraestrutura e pedagógico de esquecimento.

No entanto, como é o caso em muitos setores da economia atualmente, o voluntariado está explodindo no ensino superior. Os especialistas estão indo além das fronteiras do campus para ajudar os outros. Grupos improvisados do Facebook, tutoriais em vídeo públicos, listas de e-mail, postagens em blogs, sites com curadoria colaborativa e até ofertas de visitas virtuais às aulas surgiram para oferecer suporte aos professores em qualquer tipo de instituição.

Mito 3: A qualidade da instrução sofreu em nosso pivô on-line. O fato de os membros do corpo docente acharem essa transição abrupta perturbadora, perturbadora e insatisfatória não surpreende. Uma pesquisa recente de membros do corpo docente e administradores em mais de 600 instituições, pela Bay View Analytics, relatou: "Em quase todas (97%) das instituições pesquisadas, os professores com nenhuma experiência anterior em ensino on-line foram chamados a mudar as aulas on-line. A maioria dos participantes do corpo docente (56%) relatou ter usado métodos de ensino que nunca haviam usado antes. Aproximadamente metade dos participantes do corpo docente (48%) reduziu a quantidade de trabalho que esperava que os alunos concluíssem, enquanto cerca de um terço (32%) diminuiu suas expectativas quanto à qualidade do trabalho do aluno".

Tais resultados - apresentados sem contexto - certamente fazem parecer que a qualidade da instrução sofreu neste semestre. Mas, de fato, os ajustes dos professores nessa crise são evidências de um bom ensino, não são ruins.

Para quem está prestando atenção, um grande corpo de pesquisa documentou que um bom ensino é um bom ensino, seja em sala de aula física ou virtual. Em vez de uma coleção de dicas e truques, um bom ensino é orientado por pesquisas sobre como os alunos aprendem.

Ao ajustar suas tarefas, expectativas e notas neste semestre, inúmeros membros do corpo docente estão respondendo às necessidades específicas de seus alunos agora e como eles aprendem. Esse é um bom ensino. As conversas que todos tivemos sobre como alcançar alunos com acesso limitado à tecnologia ou Wi-Fi de alta velocidade - "Os alunos podem fazer isso usando um telefone?" "Quais atividades de aprendizado podem ser alteradas para agendas assíncronas?" "O vídeo é realmente necessário para esta conversa?" "Como posso compartilhar meu material sem exigir muito do download de dados?" - são evidências de um bom ensino.

Manter as expectativas, manter as atribuições planejadas, exigir a mesma quantidade de trabalho e esperar a mesma qualidade de trabalho que antes da Covid-19 teria sido um mau ensino antiético.

Mito 4: Os professores não sabiam o que fazer. No que diz respeito ao ensino à distância, os membros do corpo docente sentem um "sentimento generalizado ... de 'não sei o que estou fazendo'", de acordo com o principal pesquisador da pesquisa do Bay View Analytics. Essa é uma afirmação alarmante tirada de contexto. É claro que os membros do corpo docente sentem um certo nível de ansiedade e incerteza quanto ao desempenho deste semestre. É claro que alguns não sabiam usar essa tecnologia ou essa ferramenta. Mas isso é muito diferente de não saber o que eles estão fazendo ao ensinar os alunos.

De fato, eles sabiam o que fazer quando enfrentavam o desconhecido da instrução remota. Muitos procuraram seus colegas do campus - desenvolvedores de faculdades, designers instrucionais, tecnólogos educacionais, bibliotecários - em números sem precedentes para preencher as lacunas. Nessas circunstâncias, não é preciso uma vila, é necessário um campus. Como mais de um membro da equipe em centros de ensino e escritórios de TI disse: "Nunca pensei que seríamos considerados 'serviços essenciais'".

Os professores também sabiam que poderiam recorrer a pesquisas para orientá-los, incluindo bolsas de estudos em tempos de crise. Uma pesquisa de 2007 de Therese A. Huston e Michele DiPietro sobre o que os alunos queriam de seus professores depois de 11 de setembro de 2001, o furacão Katrina e outras "tragédias coletivas" é esclarecedora: no final, os estudantes queriam que seus professores "fizessem alguma coisa, praticamente qualquer coisa".

Esse simples apelo aponta para a necessidade imediata de cuidado e conexão no ensino, onde quer que ocorra. Na primeira semana depois que muitos campi interromperam o ensino presencial, a mídia social estava cheia de exemplos de como os membros do corpo docente faziam check-in com os alunos (individualmente e em toda a classe) e compartilhavam sua própria mistura de ansiedade ("Estou entendendo isso, também") e compromisso com os alunos ("Te entendo").

As preocupações do corpo docente sobre sentir-se fora de seu elemento e perder estudantes vulneráveis vêm de um local de profunda empatia e cuidado, e de uma sensação de humildade diante da crise global, quando, de alguma maneira, nenhum de nós sabe o que está fazendo. No entanto, ao mesmo tempo, sabemos o que fazer para fazê-lo funcionar: procure conhecimento (incluindo o nosso), ouça e se adapte.

Mito 5: Este é o fim do ensino superior como o conhecemos. Essa experiência mudará o jogo e ainda não sabemos quais serão todas essas mudanças. O caminho mais fácil seria recorrer a soluções tecnológicas. Mas o caminho mais fácil nem sempre é o caminho certo.

O caminho sábio a seguir é ter conversas sutis e ponderadas sobre como vamos ensinar nos próximos meses. Os professores começaram a reexaminar suas práticas de ensino e a reconsiderar as necessidades acadêmicas e emocionais dos alunos de maneiras novas e diferentes.

Essa crise também reuniu acadêmicos. Novas comunidades de professores foram construídas on-line, praticamente da noite para o dia, para orientação e compartilhamento de recursos. Conversas importantes sobre como o ensino mudou e como deve mudar estão acontecendo agora. Não é um fim; já é um começo.

Num novo livro, Kevin Gannon, professor de história da Universidade Grand View, descreve o ensino como "um ato radical de esperança", "uma afirmação de fé" e "um compromisso com o futuro, mesmo que não possamos discernir claramente sua forma". Sim, o ensino mudou. Sim, os próximos meses parecem incertos. Mas preferimos olhar além das jeremias para a pesquisa, os estudos e os artigos sobre ensino e encontrar maneiras de mudar o ensino superior para melhor.

Lee Skallerup Bessette é especialista em design de aprendizagem na Universidade de Georgetown e membro do corpo docente afiliado no programa de mestrado em aprendizado, design e tecnologia. Nancy Chick é diretora de desenvolvimento do corpo docente da Rollins College. E Jennifer C. Friberg é professora titular de ciências e distúrbios da comunicação na Illinois State University.